

Uma jornada pela América Meridional e de volta à Europa: Charles Marie de La Condamine e o relato de sua expedição pelo Amazonas

A journey to the countryside of South America: Charles Marie de La Condamine and the diary of his expedition through the Amazon

Maria Cristina Bohn Martins*

Resumo: A primeira “viagem científica” ao Novo Mundo produziu um conjunto de relatos que a registraram sob diversos aspectos. Um deles é a “Relation abrégé”, texto de um de seus protagonistas sobre a etapa que se fez cursando o rio Amazonas. Nosso objetivo aqui é propor uma reflexão sobre as condições de produção das observações que geraram a “Relação abreviada”, bem como sobre recepção que tal escrito mereceu na Europa.

Palavras-chave: Narrativas de Viagem. Ciência. Eurocentrismo.

Abstract: The first “scientific journey” to the New world has produced a entirety of reports that was recorded in several respects. One of them is the “Relation abrégé”, a text of its protagonists on the stage that has been done navigating the Amazon River. We aim to produce a reflection on the production conditions of the observation that generated the “summary statement”, as well as on the reception that such writing deserved in Europe.

Keywords: Travel narratives. Science. Eurocentrism.

* Doutora em História (PUCRS, 1999). Professora dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em História da UNISINOS; Bolsista Produtividade do CNPq. <mcris@unisinis.br>.

Em 26 de abril de 1745, Charles Marie de La Condamine leu a sua “Relação abreviada de uma viagem ao interior da América Meridional”, em uma sessão pública da Academia de Ciências de Paris¹. A análise desse texto, que resultava de uma recém-concluída viagem ao Novo Mundo é o objetivo deste artigo.

Nesse sentido, um elemento importante a ser destacado é que a estratégia narrativa adotada pelo autor – a descrição de uma experiência pessoal – aparece já no prefácio escrito para a primeira edição da obra. O prólogo introduz o leitor no tema apresentado nas páginas seguintes, ao mesmo tempo em que marca claramente o tom assumido ao longo do relato.

Ninguém ignora que há dez anos vários astrônomos [...] foram enviados [...] ao Equador e ao Círculo Polar, para aí medir os graus terrestres, ao passo que outros faziam em relação à França as mesmas operações. [...], Das viagens que tiveram por objeto, [...], a medida dos graus terrestres, a primeira projetada e a última realizada é a que fizemos ao Equador em 1735, [...] (La Condamine, 2000, p. 29-31).

A “Relation abrégée” apresenta discussões sobre geografia e história natural, ao lado de notas sobre a cultura dos grupos indígenas amazônicos, ou sobre antigos mitos, como o das mulheres guerreiras que conferiram seu nome ao poderoso rio. Trata-se, em suma, do texto de um “voyageur-philosophe” que não se contentava em compilar notícias exóticas, mas buscava extrair “lecciones importantes sobre las sociedades humanas y la naturaleza de los lugares que visitaban”, evitando os erros de percepção que acometiam os testemunhos de que não tinha o necessário treinamento intelectual (Canizarres-Esguerra, 2007, p. 20).

Assim é que, ao longo de seu relato, o naturalista recupera temas selecionados da viagem iniciada em 1735 com destino ao distante Vice-Reino do Peru, para aquela que se chamou de “expedição geodésica hispano-americana”. Na oportunidade, a Academia de Ciências de

¹ La Condamine compareceu, logo depois, a outra reunião da Academia, na Biblioteca do Rei no Louvre. Nesse encontro privado, ele se dirigiu para um público formado por membros da comunidade científica como o conde de Buffon, o botânico Jussieu, o astrônomo Pierre Bouguer, o naturalista Louis-Jean-Marie Daubenton e o enciclopedista e matemático Jean Le Rond D’Alembert. O naturalista leu para eles “cartas de correspondentes oriundos de Quito e Belém”, de forma a conectar “membros de uma crescente rede científica na América do Sul e os da comunidade acadêmica europeia” (Safier, 1999, p. 92).

Paris enviara um grupo de cientistas à região meridional americana para comparar as medidas do arco do meridiano na altura no Equador, com outras efetuadas nos polos². A investigação pretendia definir a exata “figura da Terra”, de forma a resolver um questionamento de grande repercussão na época, relacionado ao grau de esfericidade do planeta. Sobre ele divergiam franceses (que acreditavam que a Terra fosse uma esfera perfeita) e ingleses (que a supunham um esferoide achatado nos polos).

O grupo que deixou a Europa em 1735, saindo de Rochefort a bordo do navio de guerra *Portefaix* rumo à América do Sul, era composto por renomados cientistas, como o matemático Louis de Godin, seu sobrinho Jean Godin de Odonais, o astrônomo Pierre Bouguer, o geógrafo Couplet, o desenhista Morainville, o relojoeiro Hugot, os naturalistas Joseph de Jussieu e Charles Marie de La Condamine, além de Verguin, capitão da Armada Francesa³. Embora a liderança nominal da expedição tivesse sido formalmente confiada ao membro sênior da Academia, Louis Godin, La Condamine ficou conhecido como seu mais importante protagonista e principal porta-voz. Acompanharam ainda a equipe os capitães espanhóis Jorge Juan y Santacilia e Antonio de Ulloa, presenças que sinalizam a delicada relação diplomática que permitiu a realização da viagem.

De fato, se Felipe V da Espanha pretendia apresentar-se à comunidade internacional como um monarca ilustrado, franqueando aos expedicionários os espaços americanos que sempre se procurara zelosamente resguardar da cobiça estrangeira, a fim de cooperar com o avanço do conhecimento, ele não deixou de tomar precauções para evitar que a investigação científica oportunizasse ações inoportunas⁴. Ao longo da viagem, as relações, por vezes bastante tensas e até conflituosas, entre os emissários espanhóis e os acadêmicos franceses,

² Outra expedição deixou a Europa em maio de 1736, rumando para a Lapônia sob a liderança Moreau de Maupertuis, introdutor na França das concepções de Newton. Na defesa de um novo paradigma científico, ele enfrentou conterrâneos que defendiam as ideias cartesianas. A viagem de dois anos comprovou que a Terra era uma esfera “achatada nos polos”.

³ Eram membros da Academia: La Condamine, Godin e Bourguer.

⁴ Além de controlar as atividades dos “estrangeiros”, eles deveriam desempenhar outras tarefas: registrar a viagem em um diário, assim como todas as medidas físicas e astronômicas e os cálculos de longitude e latitude, informar portos e fortificações, fazer plantas e mapas, expor os estudos de botânica e mineralogia, além de descrever os costumes das comunidades visitadas. Deveriam, ainda, elaborar um informe secreto sobre a situação política e social dos territórios coloniais.

acabou evidenciando os limites da cooperação internacional que possibilitou o projeto⁵.

A expedição geodésica hispano-americana estendeu-se por anos, transcorrendo em meio a inúmeras dificuldades de deslocamento, aclimação e relacionamento dos membros do grupo entre si, e com autoridades locais⁶. Além disso, os participantes da jornada enfrentaram doenças e penúria econômica. Seus membros regressaram ao Velho Mundo em tempos diversos, sendo que alguns nunca o fizeram⁷. La Condamine retornou à França em fevereiro de 1745, praticamente dez anos depois de ter partido. Havia sido precedido por Pierre Bouguer, que escreveu, ainda em 1744, um relatório à Academia sobre os trabalhos efetuados. A forte rivalidade entre os dois acadêmicos, iniciada ainda no transcurso da viagem, desembarcava no Velho Mundo para se manifestar tanto nos ambientes sociais quanto nos espaços de discussão do conhecimento.

Um ano depois do pronunciamento de seu desafeto, seria a vez de La Condamine se expressar diante da afamada instituição e, para tanto, ele prepara a “Relación abrégée d’un voyage fait dans l’interior de l’Amérique Méridionale ...” que é aqui objeto de nosso exame⁸. No já

⁵ Ao longo do texto, La Condamine não se escusa de elogiar as autoridades portuguesas pelo tratamento dispensado aos expedicionários: “As ordens mais precisas de Sua Majestade portuguesa, e as mais favoráveis para a segurança e a comodidade de minha passagem, tinham-se-me adiantado por toda parte: elas eram extensivas a quantos me acompanhavam” (2000, p. 97). O fato não deve sugerir, contudo, que Portugal guardasse menos cuidadosamente seus domínios coloniais da curiosidade alheia. O empenho em conservar o Brasil longe da cobiça das potências rivais, por exemplo, determinou, assim como o fizeram os castelhanos, fortes restrições à presença estrangeira em seu território. Igualmente censurava-se a circulação de textos que pudessem conter informações úteis sobre ele. De outra parte, a crítica aos hispânicos feita pelo naturalista deve estar relacionada aos diversos problemas enfrentados pelo grupo, tanto com as autoridades coloniais quanto com populações locais.

⁶ Além de, a certa altura, virem-se em meio a um motim popular em Cuenca, os franceses foram acusados de introduzir mercadorias ilegalmente nas Américas e desacatar os oficiais espanhóis que os acompanhavam. A instalação de marcos no Equador ao término dos trabalhos de medição redundou em forte desavença com Jorge e Ulloa, que denunciaram uma indevida e acintosa homenagem ao rei da França em detrimento do monarca espanhol. Sofreram ainda, a suspeição de que estivessem – por trás de enganosos trabalhos científicos –, buscando antigos tesouros incas, o que causou mal-estar entre as populações locais.

⁷ Pierre Bouguer regressou depois de 9 anos, Jussieu depois de 12; Couplet Mourainville e Seniergues morreram durante seu transcurso. Godin de Odonnais, que, em Caiena, ficou longamente aguardando sua esposa peruana, voltou à França apenas 38 anos depois da partida.

⁸ Para este trabalho utilizamos a edição do ano de 2000, publicada pelo Senado Federal como parte da coleção “O Brasil visto por Estrangeiros”.

referido prefácio, o autor escreve: “o público foi informado, há vários anos, do sucesso dos trabalhos dos acadêmicos (...); e M. Bouguer, chegado primeiro que eu à França, prestou contas na Assembleia Pública da Academia, aos 14 de novembro de 1744, do resultado de nossas observações na linha equinocial...”. Diante disso, sua escolha foi deixar em segundo plano os eventos relativos aos anos despendidos nos trabalhos que motivaram a expedição, para relatar a viagem de regresso, num périplo que começava pelas localidades espanholas de Loja e Borja. Ele omitiu, assim, os anos em que esteve com o grupo nas regiões andinas da América, e escolheu concentrar-se nos meses que correspondiam à etapa da viagem, sobre a qual não haveria relatos concorrentes.

Pelo temido desfiladeiro de Manseriche, ele ingressa na região das missões de Maynas⁹, chega ao Marañon e, através deste, ao Amazonas. O curso a ser seguido era o do rio em toda sua extensão navegável, iniciando em Jaen de Brancamoros, na vertente oriental da Cordilheira (em terras do atual Peru), até a sua foz no Oceano Atlântico. A opção por esse caminho, apesar das dificuldades que ele impunha, são explicadas em um tom presente ao longo de todo o texto para evidenciar o arrojo do “viajante filosófico” que se arriscava em nome da ciência:

[...] este é o único [caminho] por onde se possam conduzir bestas de cargas ou de montaria de marcha a pé, e é preciso tudo levar às costas dos índios; entretanto, este é o menos concorrido dos três, tanto por causa das longas voltas e das chuvas contínuas, que tornam as rotas quase impraticáveis [...] quanto pela dificuldade e perigo dum desfiladeiro [...] que se topa ao deixar a Cordilheira. Foi principalmente para conhecer por mim mesmo tal passo, de que não se falava em Quito senão com uma admiração entremisturada de medo, e para abranger na minha carta toda a extensão navegável do rio que escolhi esta rota (La Condamine, 2000, p. 46).

⁹ A Missão de Maynas, fundada em 1638, abrigou um amplo conjunto de povoados no Alto Amazonas. Seu nome alude aos indígenas que foram o primeiro objeto de trabalho dos padres na área. Os “pueblos” estavam distribuídos desde o piemonte andino, pelo Maranhão, Amazonas e seus afluentes, em territórios que atualmente pertencem ao Equador, Peru, Colômbia e Brasil.

A “Relação” é apenas um dos textos que foram gerados pela expedição. La Condamine escreveu vários outros¹⁰, tornando-se o principal porta-voz do grupo. Bouguer, como vimos, já redigira a sua própria “Narrativa Abreviada” e, mais tarde, um livro técnico denominado *La Figure de la Terre*. Os estudos do naturalista J. Jussieu perderam-se sem serem publicados, mas os capitães espanhóis tiveram editada, ainda em 1748, a sua *Relación del Viage a la América Meridional*, além de outras obras que se seguiram a ela¹¹.

M. Louise Pratt avalia que o aspecto em que esta expedição revela seu maior sucesso foi exatamente no que se refere à série de relatos que gerou, bem como à receptividade que eles mereceram, tanto em circuitos orais quanto escritos (1999, p. 47). Efetivamente, como sugere a autora, as notícias por aventuras nesses lugares distantes não apenas acendiam a imaginação do público europeu, como serviam para aproximá-los dos eventos que transcorriam em lugares exóticos: eram o aparato através do qual “os cidadãos europeus se relacionaram com outras partes do mundo” (Pratt, 1999, p.53). Podemos sugerir que, no caso da “Relation abrégée”, tal qualidade vinha acentuada pelo seu caráter híbrido, entre a memória acadêmica (que lhe conferia prestígio) e o relato de sobrevivência (capaz de encantar o público não especialista).

Devemos lembrar a respeito disso que, na segunda metade do século XVIII, em países como França, Inglaterra e Alemanha, ampliaram-se significativamente as sociedades de leitura e as bibliotecas de empréstimo, ao mesmo tempo em que ocorria uma redução no preço dos livros. Outra transformação importante deu-se no campo das práticas de leitura, que passaram a estar associadas à ideia de prazer e não apenas de estudo. Há ainda – e em parte como consequência disto – uma substituição do que seriam leituras “intensivas” pela leitura “extensiva”, passando os leitores a consumir impressos numerosos e diversos (Chartier, 1998).

¹⁰ Além de “*Journal du Voyage fait [...] a l'Équateur...*” (1751), de “*Mesure des [...] degres du meridiem dans l'Hémisphere Austral...*” (1751) e de “*Supplément au Journal historique du voyage a l'Equateur ...*” (1752-1754), ele escreveu sobre vários temas relativos às observações que fez quanto ao uso do curare, sobre a borracha e sobre o quinino. Ver: Santo-Domingo, 2002, p. 02.

¹¹ Os textos elaborados pelos capitães espanhóis como resultado da expedição foram: “*Relación [...] del Viage a la América Meridional, hecho de orden de S.M. [...]*. Madrid: Imp. Marín, 1748”; “*Observaciones Astronómicas y Físicas [...] en los Reynos del Perú*”. Madrid: Imp. Zúñiga, 1748; “*General [...] obra de Observaciones y de Historia del Viage [...] del Perú...* Madrid: Imp. Marín, 1749.; “*Disertación Histórica y Geográfica sobre el Meridiano de Demarcación [...]*”. Madrid: Imp. Marín, 1749 e “*Noticias Secretas de América, sobre el estado [...] del Perú y provincia de Quito*”. Londres, 1826.

Transformações nos suportes dos textos, cooperando para sua proliferação e popularização, acontecem junto a importantes rupturas nas práticas de leitura, com a forma extensiva e silenciosa de ler passando a ser o “padrão culto” na sociedade europeia. Portanto, se a publicação dos resultados das viagens científicas acrescentava notoriedade e prestígio aos seus autores, havia também um público ávido por recebê-los, especialmente quando envolviam descrições de episódios em locais distantes e exóticos, naquilo que Pratt (1999, p. 48) chamou de “gênero popular de literatura de sobrevivência”. Este é, sem dúvida, o caso da “Relação” de La Condamine, que teve ampla circulação, assim como o relato das peripécias de M^{me}. Godin de Odonais pela floresta amazônica. A mal aventurada experiência da peruana em seu esforço para reencontrar o marido, que conheceu durante a passagem da expedição geodésica por Lima, assim como as narrativas que gerou, foram eventos que não deixaram de estar associados à viagem dos franceses.

Não menos emocionante para os leitores deveria ter sido a descrição do acadêmico francês dos riscos envolvidos em sua travessia do temível “Pongo de Manseriche”. Depois dele, descortinava-se a planície tropical e todo um mundo novo que agora miravam seus olhos “acostumados por sete anos a contemplar montanhas que se perdiam nas nuvens” (La Condamine, 2000, p. 58). O desafio de cruzar o desfiladeiro aparece na narrativa como a passagem por um umbral que o aproximava das muitas novidades – “plantas novas, animais novos, homens novos”, que o “philosophe” queria narrar.

Palavras para dizer o mundo

A “Relação Abreviada” registra a última etapa do deslocamento de La Condamine nas Américas. Ela concerne ao tempo em que, desfeito o grupo mobilizado para o trabalho de medição nas proximidades de Quito, o autor inicia o regresso à Europa por um caminho não usual: descendo o rio Amazonas. Segundo o francês, a decisão foi concertada entre os líderes do grupo para ampliar as oportunidades de observação e estudo. Sua opção por um trajeto “quase ignorado” pretendia “tornar útil essa viagem”, levantando “uma carta do rio” e recolhendo “observações de todo gênero que tivesse ocasião de fazer num país tão pouco conhecido” (La Condamine, 2000, p. 42).

Ela pode ser consignada em um gênero de escrita definido como “literatura de viagens”, conceito que busca incorporar “de forma autônoma um universo literário (cartográfico e iconográfico) constituído

por um *corpus* de textos, cujas balizas cronológicas se situam entre o século XV e o XIX e cuja natureza é interdisciplinar, englobando antropologia, geografia e história” (Silva, 2003, p. 52). Esse conjunto de textos, integrado por narrativas de participantes ou observadores presenciais dos acontecimentos descritos, costuma apresentar a narração das experiências proporcionadas pelo deslocamento físico, bem como das alteridades humanas e geográficas observadas.

Embora os relatos de viagem sejam uma fonte bastante tradicional na produção historiográfica, nas últimas décadas ocorreu um evidente refinamento metodológico no seu exame. Dialogando com outras áreas do conhecimento – como a antropologia e a crítica literária – superou-se a compreensão de que eles apresentavam um repertório de dados e informações objetivas. Considera-se atualmente que os textos resultantes da experiência de viagem são aproximações de realidades que se constroem a partir das observações sempre subjetivas do sujeito. Esta aproximação interdisciplinar se sustenta em que os relatos de viagem “guardam estreita relação com o conceito teórico de representação, o qual, articulando-se com as noções de imaginário e simbólico, fundamenta tanto a construção historiográfica quanto a literária” (Reichel, 1999, p. 57).

Dessa forma, a viagem e sua conversão em texto – em narrativas sobre a viagem – está no centro da atenção das ciências sociais e da literatura. Para os antropólogos, as questões essenciais que se apresentam aí são relativas à experiência de campo, às condições de observação e às estratégias de sua reconstrução; já para os teóricos da literatura, importam mais as formas do relato e a tensão entre a narração e a descrição. Por sua vez, os historiadores têm se aproximado desta questão desde a perspectiva do testemunho e das formas sociais, culturais e técnicas de sua validação (Bourguet, 2008, p. 1).

A “Relação abreviada”, como já afirmamos, foi composta para uma leitura pública; acrescida de um prefácio do autor, acabou sendo publicada ainda no ano de 1745¹². Não há como deixar de reconhecer que, entre a matéria da leitura aos ouvintes e o texto que nos chega impresso, interpõe-se não apenas o tempo, como uma série de ações. Devemos, pois, reconhecer a advertência de Chartier sobre o fato de que os autores não escrevem livros, mas sim textos que se tornam objetos escritos (1998, p. 17). Não nos é facultado, pelo que está escrito, acessar o repertório de gestos e de entonações utilizados para dar vida

¹² Ver: Marta Torres Santo Domingo (2002).

e intensidade à leitura, nem tampouco àquilo que não recebeu igual tratamento. Como também não podemos avaliar o que, depois dela, o autor julgou que deveria ser corrigido, suprimido ou acrescentado para a impressão¹³. Finalmente, não há como seguir o curso das seleções de memória e de inteligência que operaram a reconstrução do que “havia se passado”, isto é, do tempo da viagem propriamente dita, encerrada, em sua etapa americana, com a chegada à Amsterdã em fins de novembro de 1744¹⁴.

O prefácio que, podemos supor, substitui as palavras de saudação e apresentação ao público que o escutara em abril, depois de fazer o elogio a Luis XV, sob cujo patrocínio se organizara a expedição, enaltece os homens que, “espalhados pela superfície da Terra, trabalhavam nas zonas tórrida e glacial para o progresso das ciências, e no proveito comum das nações” (La Condamine, 2000, p. 29). Sabemos que o movimento de exploração desde o século XVIII, em que cientistas europeus percorreram o interior dos continentes munidos de livros e instrumentos diversos para “inventariar o mundo” (Raminelli, 1998, p. 157), esteve ligado à crescente busca por mercados, produtos comercializáveis e matérias-primas. Eles, contudo, “naturalizavam sua presença” pelos espaços que percorriam (Pratt, 1999, p. 61), tal como se percebe na afirmação de La Condamine, que remete a um trabalho desinteressado política ou economicamente.

É ainda nestas palavras de abertura que o francês esclarece sobre o que versará a obra afirmando: “Para não iludir aqueles que num relato de viagem procuram acontecimentos extraordinários e pinturas agradáveis dos costumes estrangeiros e hábitos desconhecidos, devo advertir que aqui encontrarão pouco de que se satisfaçam” (La Condamine, 2000, p. 32). O que interessa, assegura, é dar conhecimento à Assembleia de um rio que atravessa regiões “quase desconhecidas de nossos geógrafos”, sendo as notas sobre “o Sol, as estrelas, latitudes e longitudes, medidas, rotas, distâncias, sondagens, variações da bússola, experiências de barômetro etc.”, aquilo que conferia importância à sua relação: “eram a única coisa que a podia distinguir de uma viagem ordinária” (La Condamine, 2000, p. 32).

Contudo, embora afirme estar “mais preocupado em instruir do que em divertir”, La Condamine cede à necessidade de evitar compor

¹³ É difícil concordar com a afirmação do autor (2000, p. 32) de que os esclarecimentos e acréscimos feitos durante leitura – atendendo ao público ouvinte – não foram considerados na publicação que mantinha sua “forma primitiva”.

¹⁴ E à Paris em 23 de fevereiro de 1745.

um texto que fosse muito árido para aqueles que “em maior número, compunham a assembleia pública”. Daí que as observações transitem entre impressões e medições, entre curiosidades e descrições científicas. Segundo Safier, suas estratégias discursivas serviam para revelar o rio Amazonas segundo as normas empíricas das Luzes e, ao mesmo tempo, aproveitavam um formato que não ofenderia as pessoas que preferiam o *Crusoé* de Defoe aos “*Principia Mathematica*” de Newton (2009, p. 92-93). Portanto, embora este não seja um relatório científico¹⁵, e sim “literatura de sobrevivência”, que quer contar as dificuldades do audaz cientista nos trópicos, o autor não abdica de estabelecer a diferença entre a sua e as “viagens ordinárias”, marcando o campo específico daqueles que viajam para elaborar um saber científico.

Importa aqui indagar sobre que tipo de necessidade, de desejo ou de curiosidade move um homem a se deslocar milhares de quilômetros em direção a territórios onde raros europeus aventuraram-se antes. Logo em suas primeiras palavras, *La Condamine*, ao indicar aquilo que não será objeto de sua atenção, expõe o que fora o alvo da viagem, isto é, o conjunto de procedimentos (observações, coleta, medições, anotações, etc) pelos quais se propunha ampliar a base de conhecimentos sobre a então nascente “história natural”:

Não falarei [...] de observações astronômicas ou geométricas da latitude e longitude de um grande número de lugares; da observação dos dois solstícios [...] e da resultante obliquidade da elíptica, de [...] experiências sobre o termômetro e o barômetro, e a declinação da agulha imantada, sobre a velocidade do som, sobre a atração newtoniana, sobre o comprimento do pêndulo na província de Quito, em diferentes elevações acima do nível do mar, sobre a dilatação e condenação dos metais; nem lembrarei as duas viagens que fiz [...] desde a costa do mar do sul até Quito e [...] de Quito a Lima (*La Condamine*, 2000, p. 38).

Como afirmamos antes, ele indicara ainda no prefácio que era “para o progresso das ciências” que viajavam os dedicados estudiosos, esclarecendo erros e eliminando dúvidas, para “o proveito comum das nações”. Trata-se do que Pratt entendeu ser parte de um novo projeto de construção de conhecimento, situado num momento em que (e em relação ao qual) se renovava o expansionismo europeu quanto ao “resto do mundo” (1999, p. 28).

¹⁵ “Destinei toda minúcia da parte astronômica e geométrica às memórias da Academia, ou à coleção de nossas observações [...]” (*La Condamine*, 2000, p. 33).

Sabemos que o século XVIII conhece a realização de um enorme esforço de renovação do conhecimento, esforço este que envolveu indivíduos, instituições e os próprios Estados que, utilizando métodos e recursos das ciências, objetivam inventariar riquezas, particularmente aquelas situadas nas colônias. Dessa forma, setores influentes nos mais diversos campos irão financiar a ciência moderna e institucionalizá-la; vão surgir academias, laboratórios e publicações especializadas, bem como outros dispositivos para organizar as ciências. Segundo Cañizarres-Esguerra (2007), estava em curso também uma acesa disputa sobre “como escrever a história do Novo Mundo”, em que debatiam defensores e detratores dos relatos humanistas do século XVI, os primeiros validando as informações colhidas pelos observadores daquela época, e os demais desconfiando de sua credibilidade. Juntamente a isso, transcorriam os ajuizamentos acerca da natureza os efeitos do colonialismo espanhol sobre os indígenas americanos. As observações e as ponderações de La Condamine não estavam desconectadas desta situação.

De todas as vastas terras a serem exploradas pelos naturalistas europeus, nenhuma era mais desconhecida e exótica para o público do Velho Mundo do que as selvas e as montanhas da América do Sul¹⁶. É verdade que as viagens passariam a ter papel seminal no desenvolvimento da ciência, como também que a iniciativa de viajar para explorar lugares remotos carregava consigo uma série de riscos que extrapolavam os perigos físicos do deslocamento, relacionando-se com a própria gestão da carreira destes “viajantes-cientistas”.

Efetivamente, na época dessa primeira expedição geodésica, a comunidade científica não era unânime em suas avaliações sobre a contribuição que empreendimentos deste tipo traziam ao conhecimento.

¹⁶ Sobre o Brasil em especial, resultam fundamentalmente das “invasões” holandesa e francesa, as obras publicadas que podem ser qualificadas como “científicas”. Estes dois países apoiavam a circulação e a publicação de parte das informações sobre o mundo colonial, mesmo quando se tratava de suas próprias colônias. A experiência colonial holandesa produziu rica massa de conhecimento sobre os trópicos, com informações geográficas, botânicas, zoológicas e étnicas, além de mapas, gravuras e quadros a óleo. Já Portugal, apenas a partir de meados do XVIII iniciou a promoção de expedições científicas que ajudassem a conhecer e descobrir produtos naturais das colônias, seus usos e propriedades. Um de seus principais promotores foi Domingos Vandelli, membro da Academia Real das Ciências de Lisboa, professor de história natural e química da Universidade de Coimbra e diretor do Jardim Botânico do Palácio da Ajuda. Coube a ele indicar Alexandre R. Ferreira para conduzir a afamada “Viagem Filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá” (1783 e 1792). Os interesses gerais da iniciativa foram o conhecimento das “drogas do sertão”, passíveis de serem comercializadas, e a legitimação da ocupação da Amazônia pelos portugueses, depois da conquista legal garantida pelo Tratado de Madri (1750).

“Muitos dos mais célebres naturalistas europeus nunca viajaram”, lembra-nos Kury (2008, p. 864), sendo, então, o gabinete o lugar por excelência de produção do conhecimento. A mesma autora avalia que a viagem podia ser vista como uma tarefa menor, a cargo de “naturalistas mais jovens, oficiais da Marinha, nobres em busca de entretenimento filantrópico, ou aventureiros em geral” (Kouri, 2001, p. 864). Bibliotecas, laboratórios, herbários e jardins botânicos eram mantidos pela atividade daqueles que em suas viagens abasteciam suas coleções. Paris, capital da ciência, ostentava as maiores e mais prestigiadas coleções de história natural e, em seus gabinetes, cientistas podiam consultar bibliografia, comparar amostras de diversas procedências e realizar análises sistemáticas dos dados. Assim, compor ou não as expedições que, cada vez mais frequentemente passariam a estudar *in loco* seus objetos, era uma escolha feita considerando a gestão de cada carreira¹⁷, e a posição que se almejava nas instituições científicas (Koury, 2008). Paulatinamente, porém, a observação direta se estabeleceria entre os argumentos legitimadores do conhecimento, conferindo autoridade e proeminência aos envolvidos no tipo de empreendimento do qual participava o “voyager philosophe”.

O “estudo de campo” permitiu a La Condamine efetuar observações em variados domínios, como geografia, botânica, zoologia e astronomia, por exemplo. Segundo sua narração, ele recolhe exaustivamente dados relativos a vegetais, latitude e longitude, estrelas e planetas; mede a largura e a profundidade do leito dos rios, bem como a velocidade de sua correnteza:

Era-me preciso estar em uma atenção contínua para observar a bússola, e com o relógio na mão, as mudanças de direção do curso d'água, e o tempo gastávamos de uma sinuosidade a outra; para examinar as diferentes larguras do leito, e a das desembocaduras dos afluentes e os ângulos que estes formam ao desaguardem; para observar o encontro das ilhas e seu comprimento; e sobretudo para medir a velocidade da correnteza, e a da canoa [...] Todos os meus momentos estavam tomados; frequentemente sondei e medi a largura do rio e a dos afluentes; tomei a altura meridiana do Sol quase todos os dias, e muitas vezes observei-lhe a amplitude ao levantar-se e ao esconder; em todos os lugares em que estacionei, montei também o barômetro (La Condamine, 2000, p. 65).

¹⁷ Dos naturalistas para os quais a experiência da viagem e a observação direta são insubstituíveis, Humboldt é o mais conhecido. Muitos dos viajantes que vieram ao Brasil no século XIX, entre os quais os conhecidos von Martius e Saint-Hilaire, reivindicavam a influência do alemão ao optarem pela experiência de “ver com os próprios olhos”.

Fiz a minha observação com grande dificuldade, apesar de diversos obstáculos, e então colhi o primeiro fruto da trabalhadeira que me havia dado o transporte de uma luneta [...]. Observei primeiro a altura meridiana do sol [...]. Julguei a largura total do Maranhão ser 900 toesas [...] Observei enfim, na mesma noite, a emersão do primeiro satélite, e tomei logo depois a altura de duas estrelas. [...] (La Condamine, 2000, p. 73).

No dia 5, de tarde, observei, ao pôr-do-sol, a variação da bússola, de 5°30' do norte para oeste. Não achando onde pisar em terra firme, fiz minha observação sobre o tronco de uma árvore desarraigada que a corrente havia empurrado para a beira do rio (La Condamine, 2000, p. 99).

A narrativa, contudo, não revela o quanto o conhecimento assim obtido se constrói por sobre o trabalho de outros homens. Como já vimos, La Condamine se apoiou em uma série de narrativas anteriores – e no conhecimento que elas revelavam – para construir o seu próprio relato suprimindo as fontes que consultou. Para Safier (2009, p. 54), apesar de suas estratégias narrativas parecerem autênticas e sem costura, ele escondeu tanto quanto revelou. Durante a expedição, coletou cuidadosamente mapas, manuscritos e histórias missionárias¹⁸. Valeu-se, assim, dos registros e dos conhecimentos de gente como o limenho Josef P. de Figueroa y Acuña, marquês de Valleumbroso, bem como do que fora elaborado antes por jesuítas de Maynas – dos quais o mais conhecido talvez seja Samuel Fritz –, sem registrar tais contribuições. Sobre o que haviam escrito Fritz ou seu colega de Ordem, C. de Acuña, pesava para o “*voyageur-philosophe*” o fato de não estarem acompanhados dos “aparatos” que permitiriam uma melhor observação dos fenômenos da natureza.

Artefatos para “dizer sobre o mundo”

Ao estranhamento quanto ao exotismo do que encontram os europeus em viagem, contrapõe-se que eles também traziam para os lugares visitados todo um conjunto de artefatos igualmente bizarros à maioria dos americanos: linguagens, instrumentos e especialidades que deveriam repercutir entre as populações locais e causar espanto

¹⁸ Rodríguez Castelo (1997, p. 60) na apresentação ao “Diário do Padre Fritz” acusa o viajante de “*elegante acto de saqueo*” ao despojar o Colégio de Quito do mapa sobre o curso do Amazonas, produzido pelo jesuíta entre 1689-1691, documento que passou ao acervo da *Bibliothèque du Roi*.

e admiração. Eles observam e são observados: segundo La Fuente e Mazuecos (1992, p. 5), ainda na etapa equatoriana da expedição, o azáfama dos europeus, subindo e descendo montanhas, instalando sinais e pontos para as triangulações e medidas, realizando cálculos e operações estranhas, mirando e ajustando sextantes e teodolitos, levou seus acompanhantes índios a apelidarem-lhes de “señores del punto fijo”.

As medições, os registros, as coletas e a preparação dos espécimes não ocorrem em gabinetes, mas em um ambiente que reputam ser hostil e perigoso: o calor e a umidade são inclementes, a floresta impenetrável e a navegação repleta de perigos como gargantas, corredeiras e cheias repentinas. Havia ainda “nações selvagens [...] nunca inteiramente subjugadas pelos espanhóis”. Este perigo não está próximo das margens do rio, onde já não se encontra “nenhuma nação guerreira inimiga dos europeus”. Não obstante, em certos lugares, é perigoso dormir: “Alguns anos passados, o filho dum governador espanhol [...], tendo empreendido a descida do Amazonas, foi surpreendido nas florestas e massacrado pelos selvagens do interior”. Há ainda o tremendo incômodo dos mosquitos e insetos, além da ameaça dos animais perigosos, como serpentes, enormes morcegos, tigres e “crocodilos” (La Condamine, 2000, p. 73 e 76, respectivamente).

Uma descrição destes últimos ilustra bem a distância que se quer estabelecer entre o “viajante-cientista” e os viajantes do século XVI, cujos registros costumavam estar repletos de imagens fantásticas. Ele conta simplesmente que:

Os crocodilos são comuníssimos em todo o curso do Amazonas, e até na maior parte dos rios que vêm ter a ele. Alguns chegam a ter algumas vezes 20 pés (6,5 m) de comprimento; e talvez os há maiores. [...] Eles ficam horas e dias inteiros sobre o lodo, estendidos ao sol e imóveis; seriam tomados por troncos de árvore, ou por longos pedaços de pau cobertos de uma casca escabrosa e dessecada. (La Condamine, 2000, p. 105-106).

Percebe-se que as concepções edênicas vão sendo sobrepujadas por visões permeadas pelo racionalismo e empirismo dos homens que se aventuram em uma série de “viagens pitorescas” pelo interior das Américas. Talvez por isso mesmo, pela manifesta preocupação em repertoriar “conhecimentos úteis” e evitar “digressões” que o afastassem do seu objetivo, sejam raras as passagens em que o francês se permite narrar atitudes contemplativas ou de fruição, como ocorreu em Borja.

Como já assinalamos, sua descrição deste evento serve, também, para introduzir o leitor na “aventura” que se iniciava:

[...] achei-me num mundo novo, distanciado de qualquer comércio humano, [...] no meio de um labirinto de lagos, rios e canais que penetram em todas as direções uma floresta que só por eles se torna acessível. Eu encontrava novas plantas, novos animais, novos homens. Os olhos, acostumados por sete anos a contemplar montanhas que se perdiam nas nuvens, não se cansavam de fazer a volta do horizonte (La Condamine, 2000, p. 57-58).

Sabemos que a representação de uma paisagem necessariamente implica em uma seleção mais ou menos deliberada de elementos de um conjunto maior, isto é, em recortes e em omissões. A menção ao encontro com “homens novos” não deve sugerir que La Condamine estivesse especialmente empenhado em observar e anotar temas que dissessem respeito aos indígenas. Por exemplo, embora faça referências às “Relaciones”¹⁹ de Carvajal²⁰ [1542] e Acuna²¹ [1641], o geógrafo não parece estranhar que as grandes aldeias ribeirinhas descritas nos séculos XVI e XVII, não fossem mais divisadas²². O impressionante declínio da demografia indígena não merece mais que um breve comentário seu, afirmando que nas margens do Maranhão, “povoadas, não faz um século, por um grande número de nações”, não se encontravam mais que “poucas povoações de naturais [...] que se retiraram para o interior das terras, mal viram os europeus” (La Condamine, 2000, p. 45).

Ao longo do texto não se verifica particular curiosidade ou empenho em registrar práticas sociais ou religiosas, ou aspectos da vida material das sociedades indígenas que encontrou. Não eram os índios – aqueles que transportavam sua bagagem, providenciavam seus

¹⁹ La Condamine certamente portava uma série de conhecimentos prévios sobre a Amazônia, o que sugere uma reflexão sobre as expectativas e as imagens que evocava a partir do que já lera e sobre as formas pelas quais tal repertório contribuía para sua experiência pessoal. Ou seja: há uma construção imaginária que é anterior à viagem, que a antecipa, uma vez que não existem terras virgens “que no estén ya fabricadas, en el imaginario de los viajeros, por una sucesión de mitos, imágenes, descripciones antiguas o modernas” (Bourguet, 2008, p. 3).

²⁰ O dominicano Gaspar de Carvajal acompanhou a expedição de Orellana (1541-1542), a primeira a percorrer o rio desde suas nascentes até o Atlântico, e sobre ela escreveu uma famosa “Relación”.

²¹ Designado pela Audiência de Quito para acompanhar o Pedro Teixeira em sua navegação até Belém, registrou a viagem em texto de 1640.

²² Pesquisas arqueológicas recentes confirmam informações dos textos quinhentistas e seiscentistas: na várzea e nas terras firmes, a Amazônia era povoada por numerosas sociedades, sedentárias e, possivelmente, estratificadas.

alimentos, abrigos e canoas; aqueles que construíam as pontes de cipós e arrastavam as jangadas; aqueles que, mais de uma vez salvaram-no do afogamento –, o objeto da atenção maior de La Condamine. Enquanto anota incansavelmente medidas de tempo, largura, altura, pressão e latitude, por exemplo, o que observa sobre eles é tão somente “o quanto é permitido a um viajante que não registra as coisas senão de passagem”, e apenas o suficiente para dizer “uma palavrinha a propósito do gênio e caráter dos homens originários da América meridional” (La Condamine, 2000, p. 56).

Os saberes indígenas

As afirmações de La Condamine sobre os nativos americanos são francamente cáusticas, assumindo, por vezes, um tom até mesmo jocoso. Certa “gramática” sobre os índios, que era corrente na Europa do século XVIII, aparece aqui sob a chancela da “observação direta” do “viajante naturalista”. Ela confirmava para o público europeu, através da empiria e da rubrica de um observador considerado confiável, os estereótipos construídos ao longo dos séculos anteriores e especialmente garantidos na medida em que se afirmava no nascente discurso da ciência moderna.

O naturalista percebe variações entre os ameríndios de diferentes partes do continente, as quais entende serem relativas ao clima e ao seu maior ou menor contato com portugueses e espanhóis. Contudo, acredita que todos tenham “traços de semelhança” e um mesmo “fundo de caráter” (2000, p. 60), que resume repetindo uma série de antigos juízos que haviam sustentado tanto as práticas de catequese quanto o trabalho compulsório impostos pelos agentes da colonização ibérica. Sua visão dos índios é sombria. Fala, assim, de sua apatia e insensibilidade, do “número limitado de ideias que não vão além de suas necessidades” ou mesmo de sua “estupidez”. Afirma serem glutões, mas capazes de ficar sem comer por conta da preguiça. Ocupando-se apenas do presente por serem “incapazes de previsão e reflexão”, passariam a vida “sem sair da infância”. O viajante recupera mesmo um remoto argumento, encontrável em missionários dos séculos passados, sobre o papel da “civilização europeia” em relação a estes povos “selvagens”. Referindo-se aos pebas, em uma das missões do Alto Amazonas, diz que, antes de cristianizá-los, deve-se “fazer deles homens, o que não é pequeno trabalho” (La Condamine, 2000, p. 60-74).

Como muitos de seus contemporâneos, vê com ceticismo os relatos sobre as qualidades excepcionais das civilizações pré-colombianas

como a inca ou a asteca e desconfia da validade das fontes antigas que sustentavam tais apreciações. Sugere, sobre isso, que não foram os efeitos danosos do colonialismo espanhol os responsáveis pela “indolência” e pela “estupidez” que encontrara entre os povos andinos, pois ele se podia observar entre os nativos do vale do Amazonas, que viviam afastados das áreas em que a presença espanhola fora mais efetiva. Concluí daí que não houve uma degeneração dos indígenas em virtude da brutalidade do domínio espanhol, mas que sua condição inferior era inata. A lamentável situação dos índios não decorria dos efeitos do colonialismo, mas do fato de eles não terem avançado nas etapas do desenvolvimento social. Engajando-se na animada “querela do Novo Mundo” (Gerbi, 1996), concluí que eles eram primitivos, e não decadentes.

O naturalista não deixa, contudo, de, embora timidamente, criticar a dominação espanhola²³, ponderando acerca das relações que condenavam os nativos a um servilismo que “degrada o homem”. Contudo, como já se disse, afirma que esta não seria a única explicação para a condição presente, tanto naqueles das missões como nos “selvagens que gozam de liberdade” e que “são tão limitados [...] quanto os outros” (La Condamine, 2000, p. 60).

Devemos observar que, apesar de manifestar desconforto quanto às relações servis de trabalho dos índios, o autor não parece especialmente crítico ao observar que eles eram escravizados. O testemunho que oferece das práticas escravistas portuguesas é exemplar neste sentido:

No dia 23 entramos no rio Negro [...]. Subimos [...] até o forte [...]. É esse o primeiro estabelecimento português que se encontra ao norte do rio [...] quando por ele descemos. O rio Negro é praticado pelos portugueses há mais de um século, e eles fazem aí um grande comércio de escravos. Há aí sempre

²³ Ao ponderar sobre a veracidade dos relatos sobre as amazonas, La Condamine ajuíza que a origem das histórias sobre sociedades exclusivamente de mulheres poderia residir na tentativa de elas buscarem fugir de condições de vida insuportáveis. Diz: “Contento-me em assinalar que se alguma vez pôde haver amazonas no mundo, isso foi na América, onde a vida errante das esposas [...] lhes deve ter feito nascer a ideia e a ocasião frequente de se furtarem ao jugo dos tiranos, buscando fazer para si um estabelecimento onde pudessem viver na independência, e pelo menos não serem reduzidas à condição de escravas [...]. Semelhante resolução [...] que se observa todos os dias em todas as colônias europeias da América, ou não é senão demasiado comum que servos maltratados e descontentes fujam aos bandos para os bosques [...]” (2000, p. 84). Veja-se que o autor entrelaça ao tema central do argumento uma crítica ao colonialismo europeu e, implicitamente, à “tirania” do Antigo Regime, o que não é de se estranhar dados os círculos intelectuais dos quais fazia parte.

um destacamento da guarnição do Pará, para manter o respeito das nações índias que lá habitam, e para favorecer o comércio de escravos nos limites prescritos pelas leis de Portugal; e todos os anos este acampamento ambulante, a que se dá o nome de “tropas de resgate”, penetra para diante das terras. O capitão comandante do Forte do Rio Negro estava ausente quando aí aportamos. Não me demorei aí mais de vinte e quatro horas. (La Condamine, 2000, p. 88-89).

É sabido que as impressões sobre a suposta ociosidade e preguiça dos índios serviram para alimentar o eurocentrismo, e a visita à floresta pareceu convir, por vezes, como expediente para pensar não só natureza, como a própria civilização de onde provinham os viajantes. Este fato não deixa de estar de acordo com o que ocorria desde a época dos “Descobrimentos”, quando as Américas se constituíram em espaço privilegiado para as teorias europeias. Sobre sua natureza cunharam-se impressões que foram do estranhamento à edenização; sobre seus habitantes, transitou-se entre supô-los como terríveis canibais ou bons selvagens.

Os viajantes dos séculos XVI e do XVII, porém, estiveram mais estimulados e abertos em suas miradas sobre as sociedades que encontravam do que seus sucessores. Os argumentos teóricos de La Condamine sobre as “deficiências” dos indígenas, por exemplo, confrontam-se com a prática de depender deles e de seus conhecimentos para a condução da viagem. Eram saberes que os capacitavam a construir pontes de cipós e lianas, permitindo que homens e equipamentos cruzassem as correntes de água, ou que arquitetassem “com arte” abrigos tecidos de folhas de palmeiras entrelaçadas na proa das canoas. O naturalista conheceu através dos índios o curare e as plantas como “quinina”, “ipecacuanha”, “simaruba”, “salsaparrilha”, “guaiaico”, “cacau”, “baunilha”, e as diversas virtudes atribuídas a elas. Conheceu, também, “gomias, resinas, bálsamos” e “óleos diversos” que das árvores se tiram; alguns “doces e saborosos como azeitonas”, outros, como a andiroba, capazes de fornecer excelente luz, ou ainda como o caucho de aplicações variadas.

Nem estes ensinamentos, nem as diversas circunstâncias em que a segurança dos exploradores dependeu da perícia e do discernimento dos nativos matizou o julgamento do europeu que conclui: “Sei bem que todos, ou quase todos os índios da América são mentirosos, crédulos e encasquetados com o maravilhoso...” (La Condamine, 2000, p. 84). Esta é uma das faces pelas quais se constrói a valorização do saber

burguês e masculino, que recusa reconhecimento a outras formas de conhecimento a que se chega “sem método” e a partir de sentidos “não treinados” (Canizarres-Esguerra, 2007, p. 62). Justamente por isso, para Pratt, “a história natural iniciou um esforço de escala mundial que, entre outras coisas, tornou as zonas de contato um local de trabalho tanto intelectual quanto manual, e lá instalou a distinção entre estes dois” (1999, p. 58). Mas ela contribuiu, também, para firmar a noção da fragilidade dos povos indígenas, e certa “teoria geral da inferioridade americana”, ou, se quisermos destacar a sua contrapartida, “a teoria da superioridade europeia em relação aos povos não europeus”, amparada em um discurso que se apresenta como portador de cientificidade (Schwarcz, 2008, p. 41).

Destinos

Um dos três apêndices que acompanham edição aqui utilizada da “Relação Abreviada” consta de uma “Carta do Sr. de La Condamine ao Sr.*** sobre a sorte dos astrônomos que tomaram parte nas últimas medidas da Terra, desde 1735”. Sabemos que alguns voltaram para casa antes dos outros, e que outros nunca voltaram. A missiva informa que Couplet, “o mais robusto e um dos mais jovens” morreu de uma febre ainda em Quito, enquanto Jean Seniergues, “cirurgião do Rei”, foi assassinado em um tumulto popular em Cuenca, em 1739. Também na Província de Quito morreu o desenhista, Morainville, num acidente próximo a Riobamba. Já Bouguer, o componente mais velho da expedição, regressou à França, especializou-se em ciência náutica, e faleceu em 1758. Louis Godin, que mantivera um relacionamento áspero com seus companheiros, ficou no Peru até começo de 1751, tendo exercido, em Lima, o cargo de professor na Universidade de San Marcos. É sabido que, embora ele fosse o líder nominal da expedição, a notoriedade da viagem privilegiou La Condamine, que se transformou no mais conhecido de seus componentes. Godin, uma vez que perdeu o lugar remunerado que ocupava na Academia de Ciências, passou a dirigir a Academia de Guardas-Marinha em Cádiz, onde morreu em 1760. J. Jussieu voltou à França apenas em 1771, já portador de severo transtorno de memória. Godin des Odonais foi, durante algum tempo, professor na Universidade de Quito. Em 1749, dirigiu-se para a Guiana, ficando em Caiena por quase vinte anos. Ali montou uma fábrica para pesca e exploração do peixe-boi, enquanto sua esposa peruana tentava alcançá-lo em aventura que ficou famosa, e

que está parcialmente reproduzida na “Carta do Sr. Godin des Odonais ao Sr. De La Condamine – 1778”, também pensada à “Relação”. O longo desterro foi-lhe recompensado por uma pensão real. O relato da incursão de Mme. Godin des Odonais pela selva teve enorme receptividade. Para o público que recebia os diários e as narrativas de aventuras, elas apareciam como crônica para entretenimento, possibilitando, de algum modo, romper com as frustrações do cotidiano e participar, ainda que apenas na imaginação, das experiências dos viajeros. É claro que a aprovação e o agenciamento destes textos por possíveis editores, e mesmo a leitura deles feita pelo público, reflete concepções e valores compartilhados com o narrador, o que torna esta produção e sua recepção conectada com o espaço, o tempo e o modo pelo qual foi produzida. Sobre D. Jorge Juan y Santacilia a Carta diz que havia recém morrido em 1778, e que, antes disso, fora “capitão de navio, comandante do Corpo de Guardas-marinha, chefe de esquadra e embaixador em Marrocos”. Assim conclui: “dos onze viajantes da zona tórrida não devem ser contados agora como existentes senão os seguintes: o Sr. Verguin, atualmente engenheiro-naval em Toulon; D. Antonio de Ulloa, chefe-de-esquadra da marinha espanhola e ex-governador da Louisiana [...] e o Sr. des Odonais ...” (La Condamine, 2000, p. 175).

O renome auferido por La Condamine contribuiu para que ele fosse admitido como membro das Academias de Berlim e de São Petersburgo, da Sociedade Real de Londres, do Instituto de Bolonha e da Academia Francesa, num reconhecimento de seus pares que era muito importante. Entretanto, ele lamenta a própria sorte, dizendo não saber se deveria ser tido “na conta de indivíduo vivente”, pois “uma surdez que começou a molestar-me na América, tem aumentado consideravelmente, além de que já há cinco anos perdi a sensibilidade externa nas extremidades inferiores, cuja existência só me é revelada pelas dores internas que me atormentam.” (La Condamine, 2000, p. 175).

Sobre os empregados que os acompanharam e serviram, opta por silenciar: “Seria demais referir-me aqui aos nossos criados [...] muitos dos quais morreram no transcurso da viagem, dois deles violentamente”. O texto da expedição ao Amazonas também não fizera nenhuma menção a estes homens “tanto brancos como negros”, cuja existência só é apresentada ao leitor neste momento. Tal ausência não se constitui em uma exclusividade dos textos de La Condamine, pois os “cientistas e naturalistas europeus raramente mencionavam em suas publicações os vários ‘criados’ que os ajudavam em suas pesquisas”, cujas viagens

parecem mais “passeios solitários” (Davis, 1996, p. 172²⁴). A longa excursão e os inúmeros serviços prestados não parecem ter estabelecido elo ou proximidade entre o cientista francês e esses indivíduos. Também não haviam criado vínculos o europeu e os inúmeros nativos – nunca nomeados – que o haviam guiado, informado, transportado, alimentado, protegido e mesmo salvo mais de uma vez²⁵. Ficaram todos na opacidade, e o que o afamado cientista teve a dizer sobre eles apenas repetiu, ou ampliou, antigos estereótipos que, ao longo do seu e do próximo século, legitimariam novos padrões de autoridade da Europa sobre as Américas.

Referências

- ACUÑA, Christóbal de. Novo descobrimento do grande Rio das Amazonas. In: ESTEVES, Antônio R. (ed.). *Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas*. Montevidéo: Consejería de Educación de Embajada de España en Brasil; Oltaver, 1994.
- BOURGUET, Marie-Nöelle. *El mundo visto desde lo alto del Teide: Alexander von Humboldt en Tenerife*. Université Paris 7/Centre Alexandre Koyré. Disponível em: <humboldt.mpiwg-berlin.mpg.de/10.bourguet_es.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2008.
- CANIZARRES-ESGUERRA, Jorge. *Cómo escribir la historia del Nuevo Mundo*. México: FCE, 2007.
- CARVAJAL, Gaspar de. Relación que escribió Fr. Gaspar de Carvajal [...] del nuevo descubrimiento del famoso Rio Grande [...]. In: CARVAJAL; ALMESTO; ROJAS, A. de. *La aventura del Amazonas*. Ed. de Rafael Díaz. Madrid: História 16, 1986.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1998.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Nas margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- FRITZ, Samuel. *Diário del Padre Fritz*. Quito: Ed. H. Rodriguez Castelo, 1997.
- GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: história de uma polêmica: 1700-1900*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

²⁴ Exceção seria a atitude de M. Sybilla Merian que, em sua “Metamorphosis” reconheceu que africanos e ameríndios haviam-na auxiliado a encontrar e manusear os insetos que estudou. Tal postura teria aberto fissuras “no campo da argumentação favorável à dominação europeia” (1996, p. 172).

²⁵ Em “Como era arditoso meu francês” (2009), N. Safier estuda as estratégias discursivas adotadas pelo francês no sentido de suprimir as fontes que consultou e que lhe permitiram uma série de conhecimentos prévios sobre a Amazônia, ocultando a ajuda recebida e ressaltando a autoridade de seu testemunho que teria sido feito em primeira mão. De certa forma, esta análise sobre a apropriação feita pelo francês de trabalhos alheios vai ao encontro do registro de Rodríguez Castelo em sua apresentação do “Diário do Padre Fritz” (1997, p. 60), que acusa o viajante de “elegante acto de saqueio” por despojar o Colégio de Quito do famoso mapa sobre o curso do Amazonas, produzido pelo jesuíta (1689-1691), que passou compor o acervo da “Biblioteque du Roi”.

KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 5 mar. 2008.

LA CONDAMINE, Charles-Marie de. *Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas*. Brasília: Senado Federal, 2000.

LA FUENTE, Antonio; MAZUECOS, Antonio. *Los Caballeros del Punto Fijo: Ciencia, Política y Aventura en la Expedición Geodesica Hispanofrancesa al Virreinato del Perú en el Siglo XVIII*. Quito: Ed. Abya Yala, 1992.

MARTINS, M^a Cristina Bohn. Descobrir e Redescobrir o Grande Rio das Amazonas. As Relaciones de Carvajal (1542), Alonso de Rojas SJ (1639) e Christóbal de Acuña SJ (1641). *Revista de História, USP*, v. 156, p. 31-57, 2007.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império*. Relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

RAMINELLI, Ronald. Ciência e colonização – Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. *Tempo* [on line], v. 3, n. 6, p. 157-182, dez. 1998. Disponível em: <www.historia.uff.br/tempo>. Acessado em: dez. 2007.

REICHEL, Heloísa. Relatos de viagem como fonte histórica para o estudo de conflitos étnicos na região platina (Século XIX). In: VÉSCIO, Luiz Eugênio; SANTOS, Pedro Brum. *Literatura & História. Perspectivas e Convergências*. São Paulo: EDUSC, 1999. p. 55-77.

RODRÍGUEZ CASTELO, Hernán. *Diário do Padre Fritz*. Quito: Revista de las Fuerzas Armadas Ecuatorianas, 1996.

SAFIER, Neil. Como era ardiloso meu francês: Charles-Marie de La Condamine e a Amazônia das Luzes. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 29, n. 57, p. 91-114, 2009.

SANTO DOMINGO, Marta Torres. Los viajeros de la expedición para medir el arco del meridiano. Testimonios bibliográficos en la Biblioteca Histórica de la Universidad Complutense. *Biblio 3W – Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, v. VII, n. 389, 2002. Disponível em: <www.ub.es/geocrit>. Acessado em: 3 abr. 2008.

SCHWARCZ, Lilia. *O sol do Brasil*. Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

SAUMEL, Andrés. Introducción y Prólogo. In: ULLOA, Antonio de. *Viaje a la América Meridional*. Madrid: Historia 16, 1990.

Submetido em: 12/06/2012

Aprovado em: 25/10/2012